



“AS BOAS MULHERES DA CHINA”: UMA ANÁLISE HISTORIOGRÁFICA A RESPEITO DA REPRESENTAÇÃO DA MULHER CHINESA NA OBRA DE XINRAN (1980-1997).

Jéssica Sayuri Mori Kanno¹

Durante muito tempo os países orientais, devido a um costume cultural, não demonstravam seus problemas à sociedade, externando apenas os aspectos positivos de sua cultura. Esse fato fortaleceu o conceito de exótico, cedido a esses países pelos ocidentais, ao os considerarem diferentes.

Dentre esses países orientais, o que tem se destacado como um difusor cultural, desde tempos remotos, é a China. Durante o período de 1915 a 1949², a China se viu imersa na decadência imperial, ligada à dominação estrangeira. Esta dominação produziu, de acordo com Sader (1982:09), efeitos contraditórios na população, uma vez que a corrente tradicionalista, presente na época, encarava os ocidentais como malditos, e responsáveis pela miséria nacional, enquanto uma corrente modernizante pregava que os males do país, se deviam ao fato de a cultura chinesa resistir em incorporar a cultura ocidental.

É em meio a todo esse debate político, que Mao Tse-tung³, começa a desenvolver sua vida acadêmica, ao participar de lutas pela libertação do país das mãos dos estrangeiros, sobretudo da ocupação japonesa. Com o apoio dos proletários, estudantes, e principalmente dos camponeses, que consistiam na maior parcela populacional chinesa.

No ano de 1911, Mao ingressou em uma unidade militar em Hunnan, para combater pela política e, a partir daí, aprofundou seu contato com os camponeses, que se tornariam a base de sua Revolução. Mao vai se aprofundando cada vez mais nas práticas comunistas e de guerrilhas, sempre buscando o apoio dos camponeses, até em 1 de outubro de 1949, proclama a República Popular da China.

Após essa proclamação, durante os anos de 1966 a 1976, Mao Tse-tung dá início à Revolução Cultural. Esta revolução dentro da revolução, realizada por estudantes e trabalhadores chineses, contra a burocracia que tomava conta do Partido Comunista Chinês, enfraquecendo assim,

¹ Graduada do curso de história em licenciatura plena, na Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho-Unesp Assis.

² 1 de outubro de 1949, Mao Tse-tung proclama a República Popular da China.

³ Teórico, político e revolucionário marxista, que no ano de 1921 participou da fundação do Partido Comunista Chinês. Acreditava na revolução efetuada pelos camponeses e, quando começou a perder seu poder no Partido Comunista, empreendeu a polêmica Revolução Cultural 1966-1976.



os adversários de Mao. Este por sua vez procurava por meio desta revolução, tornar cada unidade econômica chinesa em uma unidade de estudo e reconstrução do comunismo. Expandindo a coletivização e o público, para o campo das idéias, para a “alma” do cidadão chinês.

É neste contexto que se passam a maioria dos relatos que foram nossa fonte por meio do livro “As Boas Mulheres da China” de Xinran. Ela é uma escritora chinesa que durante os anos de 1980 a 1997 recolheu relatos, a maioria anônimos, a respeito da vida das mulheres chinesas após a Revolução Cultural.

É certo que com a Revolução Comunista procurou-se dar mais liberdade e igualdade de direito às mulheres chinesas, por meio do Movimento de Libertação da Mulher na China. Começando com a Revolução Democrática, um movimento para a derrubada da dominação feudal. Pois com a Revolução Comunista, muitas mulheres passaram a se organizar no campo e a ingressar no serviço militar. Com a derrota de Chiang Kai-shek⁴, ao ser proclamada a República popular da China, os cargos de Ministro da Justiça e Ministro da Saúde Pública, foram de acordo com Ching-Ling(1972:80) ocupados por mulheres, depois disso as mulheres chinesas passaram a poderem fazer os mesmos serviços que os homens, e a grande maioria alcançou a independência econômica.

De acordo com Joan Scott (1991:85), a história das mulheres passou a ser incluída, a partir da década de 1980 no contexto da história social. Entender a história dessas mulheres aponta para a possibilidade de nos acercarmos à realidade da experiência vivida por elas, e presumir seu interesse inerente e sua importância. Ou seja, por meio da detalhada visão cotidiana da mulher, pode-se pensar a sociedade chinesa é justamente nesta afirmação, que nos baseamos ao focar a necessidade da realização de um estudo a respeito da história destas mulheres, pouco conhecida pelos ocidentais e, por eles estereotipada como exótica.

Quando proponho estudar a temática de gênero, por meio das memórias presentes no livro “As Boas Mulheres da China”, de Xinran Xue, estudo e penso sob o ponto de vista da história social e da representação, os vários relatos a respeito das dificuldades vivenciadas, por mulheres de diferentes idades e classes sociais durante o período entre o fim da Guerra Civil Chinesa, o fim da Revolução Cultural, e as consequências desses fatos na vida da população chinesa até a o período de 1997⁵. Busquei desta maneira, averiguar por meio da fonte mencionada a maneira como essas supostas “igualdades” e “liberdades”, prometidas por Mao Tse-tung às mulheres chinesas para que

⁴ Militar e político, que assumiu a liderança do Kuomintang após o falecimento de Sun Yat-sen, no ano de 1925. Comandou expedições visando unificar o país e, durante o período de 1926-1949, quando ocorreu a Guerra Civil Chinesa, empreendeu uma perseguição aos comunistas chineses, visando erradicá-los, mas falhou nessa tentativa, tendo que recuar para Formosa.



ingressassem nas fileiras revolucionárias, não atingiram todo o contingente feminino chinês, mas sim, apenas uma parcela mais favorecida da população.

O estudo da representação das mulheres chinesas, sob o ponto de vista de uma mulher chinesa, pretende quebrar a visão do exótico ao analisar a maneira como elas foram ensinadas a serem mulheres, em como elas, enquanto chinesas vêem sua posição no seio familiar, em algumas regiões ainda fortemente ligadas ao patriarcado, no mercado de trabalho, e até mesmo a condição feminina. Neste sentido o estudo é importante, devido ao fato de mesmo nos dias atuais não termos muitas informações a respeito da China, principalmente no tocante às mulheres. A China, por se tratar de um país com costumes diferentes, e que tende a repreender fortemente qualquer assunto ligado à sexualidade, até mesmo pelo fato de a grande maioria da população ser masculina, o que gera certa diferença na maneira de se enxergar a mulher. Por esse motivo, em uma sociedade na qual predominam os homens, decidimos estudar as mulheres, das quais os estudiosos pouco sabem a respeito, uma vez que a maioria dos livros escritos sobre a China enfatiza o comunismo, e ou figuras masculinas, passando a vida cotidiana das mulheres chinesas despercebida. A temática do gênero é fundamental, ligado às mulheres chinesas, estamos trabalhando um assunto praticamente desconhecido para a maioria das pessoas, pois quase não se tem um material literário sobre o assunto, quanto mais historiográfico.

Procurei analisar o livro “As Boas Mulheres da China” de Xinran, sob a perspectiva da terceira geração do estudo de gênero, que abrange desde a divulgação e o aprofundamento das conquistas teórico metodológicas das primeiras gerações, até o estudo de temáticas antes pouco estudadas, como questões de masculinidade. Dentro desta terceira geração, procurei focar no estudo a respeito da violência de gênero. De acordo com Priore(1997:224), era preciso admitir que a história das mulheres começava apenas quando uma delas rompia como círculo da história masculina, para tornar-se fonte e matéria da dinâmica social. Essa afirmação de Priore cabe perfeitamente ao caso dos relatos contidos na obra de Xinran, uma vez que foram observadas as dificuldades culturais presente na mentalidade feminina chinesa, de expor seus problemas do campo privado, e as dificuldades enfrentadas pela autora, que ao sofrer ameaças teve que sair da China para poder publicar seu livro.

Segundo Saffioti (2001:115), a violência de gênero é um conceito amplo, e abrange como vítimas mulheres, adolescentes e crianças de ambos os sexos. Essa violência pode ser efetivada por



homens ou mesmo mulheres, de acordo com o sistema patriarcal⁶. Mas nesse sistema não há apenas a dominação-exploração do homem para a mulher e desta para a criança e o adolescente, pois uma mulher pode exercer certo domínio sobre outros homens ou mulheres. E é a partir desse pressuposto a fonte, o livro “As Boas Mulheres da China” de Xinran, foi analisada.

Nossa fonte é uma obra literária e a escolha se deu pelo fato da literatura poder recuperar o contexto histórico vivido, ou como afirma Jakobson, “a obra literária é objetivada; ela existe concretamente independentemente do leitor, e cada leitor aborda o texto de modo imediato”, (JAKOBSON, 1973:64). Assim, o texto literário pode ser lido e estudado de um ponto de vista histórico, pois de acordo com Pasavento (1996) o historiador “é um tipo especial de leitor, cuja missão é, ao mesmo tempo, narrativa e interpretativa do passado, construindo uma versão plausível e coerente daquilo que um dia teria ocorrido”. Segundo Edward Said, o texto literário é um “campo dinâmico” com “um certo alcance de referência, um sistema de tentáculos em parte potencial e em parte atual: ao leitor, a situação histórica, a outros textos, ao passado e ao presente”(1938:157).

No caso da obra, “As Boas Mulheres da China”, podemos encontrar também a presença da memória, no formato das várias histórias apresentadas por Xinran. “A memória e as artes são assim concebidas como a possibilidade de ligar o passado a experiência do presente, e de manter vivo o sentido de uma geração para a outra” (GIRAUDO, 1997: 30).

Uma obra baseada na memória nunca é imparcial, pois sempre acaba por evidenciar as opiniões de quem a conta ou escreve. Por esse motivo, ao se estudar a obra literária, deve-se prestar atenção na maneira como as próprias mulheres chinesas se enxergam, o que pensam de sua condição, e mesmo a diferença dos pontos de vista entre homens e mulheres. Essas diferentes visões permitem analisar a maneira como o papel do “ser mulher” e como foi construído ao longo do tempo pela sociedade chinesa. A construção do “ser mulher” das mulheres chinesas pode, e certamente é, no entanto diferente da maneira como os homens pensam que as mulheres devem pensar, agir ou se comportar.

No livro estão evidentes os registros das memórias e sofrimentos, pelos quais passaram as mulheres chinesas desde a Revolução Cultural até 1997, quando Xinran sai da China para poder publicar seu livro. Por esse motivo, esse livro representa uma fonte riquíssima de informações a respeito dos costumes e imagens do período⁷. Xinran vai construindo a identidade da mulher chinesa com o auxílio dos relatos, em sua maioria anônimos.

⁶ Os homens podem dominar-explorar as mulheres, e as mulheres podem dominar-explorar crianças e adolescentes de acordo com o sistema patriarcal.

⁷ Revolução Cultural ao ano de 1997, ano em que as entrevistas são encerradas e a escritora se muda para a Inglaterra.



Xinran conseguiu coletar a maioria desses relatos, por meio do seu programa de rádio destinado ao público feminino intitulado *Palavras da Brisa Noturna*. Nesse programa ela discutiu aspectos do cotidiano, promovendo condições para as pessoas desabafarem a respeito de seus problemas e dúvidas. Contudo ao perceber que recebia cartas, a maioria anônimas, contendo histórias de vida de algumas mulheres chinesas e suas freqüentes dúvidas, Xinran passou a observar que a maioria das perguntas era a respeito da sexualidade, sobre assuntos considerados banais do ponto de vista ocidental⁸. A autora então, apesar das dificuldades, procurou saber mais a respeito da vida das mulheres chinesas e de suas vivências e limitações.

Conforme foi pesquisando a respeito do assunto, Xinran registrou um considerável número de depoimentos, devido à popularidade atingida por seu programa de rádio. Ela passou a receber cartas anônimas, e adicionou depoimentos gravados por meio de telefonemas também anônimos, além de entrevistas. Nessas, ela sempre abordava mulheres nas ruas para perguntar suas opiniões a respeito da mulher chinesa.

Grande parte dos relatos presentes no livro representam a memória da opressão e do abandono às quais essas mulheres estão sujeitas em qualquer momento, mas muitos ligados à Revolução Cultural. A popularidade e as críticas de Xinran, e de outros autores chineses levou-os a serem obrigados a sair da China, para conseguirem publicar seus livros. Para melhor entendermos a maneira como essas mulheres chinesas são tratadas e a razão desse tratamento perdurar, tem-se que analisar o contexto histórico no qual se enquadra o livro. Neste sentido um de nossos objetivos é realizar pesquisa no Oriente, evidenciando aquela tratada por Xinran; de maneira a observar diferenças na forma de pensamento, no ser mulher.

Ao recolher relatos anônimos, de mulheres Xinran percebeu que havia se tornado uma figura de alguém a quem desabafar seus sofrimentos, sem a repressão de maridos ou da sociedade. Tornou-se uma figura na qual se poderia alguém obter esclarecimentos a respeito de sentimentos ou até mesmo obter alguma ajuda para lidar com os problemas e dúvidas do cotidiano. Nos relatos do livro, submergem vozes antes silenciadas revelando suas provações, medos, e uma capacidade de resistência que as permitiu se reerguer e sonhar em meio ao sofrimento. Ali se expressavam as esperanças escondidas em suas vidas isoladas, tanto na China, como no resto do mundo onde mulheres continuam a serem oprimidas. Ao abordar diferentes histórias das mulheres, Xinran acaba revelando um pouco da sociedade chinesa da época da Revolução e Pós-Revolução Cultural. Este

⁸ De acordo com Xinran, algumas de suas ouvintes não entendiam porque seu coração batia mais rápido quando estava com um homem, porque suas mãos suavavam quando encostava sem querer em um homem, e se ao segurar a mão de um homem poderiam engravidar.



fato que nos auxilia a pensar e repensar o cenário da China atual, ao mesmo tempo em que buscamos compreender se a realidade das mulheres chinesas realmente mudou com a Revolução Comunista, tanto para o bem quanto para o mal, e qual as conseqüências que essas ações trouxeram para a vida dessas mulheres.

Em meio a uma sociedade na qual há carência de informações como Educação Sexual aliada à repressão de manifestações de afeto, percebe-se que essas mulheres foram vítimas das circunstâncias do preconceito e desinformação. A própria autora afirma “Eu mesma era tão ignorante que, aos vinte e dois anos de idade, tinha me recusado a ficar de mãos dadas com um professor numa festa ao ar livre em torno de uma fogueira, por medo de engravidar,” (XINRAN, 2002:18). A partir daí, a autora procura traçar o perfil da mulher na China. Xinran realiza isso, ao escolher relatos que procuram completar esse objetivo, com a mulher como: universitária, mãe, esposa, lésbica, estrangeira, mulher de negócios, entre outros.

Foram escolhidos para análise, dois desses aspectos que foram estudados de maneira mais profunda por meio dos relatos contidos em dois capítulos: “A mulher que amava mulheres” e “A mulher cujo casamento foi arranjado pela Revolução”.

No capítulo do livro intitulado “A mulher que amava outras mulheres”, temos a figura de Taohong⁹, uma jovem que nos relata como é ser homossexual na China, em um período próximo a 1997. De acordo com Moreno..., não se nasce homem ou mulher, mas aprendemos a nos comportar de acordo com os sistemas pré-estabelecidos pela a sociedade. Contudo no capítulo estudado, a personagem Taohong, foi criada como um menino, devido ao fato de que seu pai não queria o nascimento de uma menina, por este motivo, ela foi criada como um menino.

Segundo a personagem, este fato provocou uma perda de identidade, uma vez que era mulher, apesar de ser identificada como homem pelo pai. Taohong apenas se descobriu como mulher, mediante a um estupro coletivo sofrido por ela e, diz que a partir deste momento, passou a odiar os homens, mas continuou a se vestir como um menino, e passou a se interessar por mulheres.

A partir do relato deste capítulo do livro, podemos ter um leve panorama da maneira como a homossexualidade foi considerada na China do período mencionado. Embora na época na qual Taohong relata sua história, os homossexuais tivessem um certo reconhecimento, como de um grupo diferente, mas que nem por esse motivo deixa de existir, foi observado, que o governo tentava de toda a maneira negar a existência de homossexuais na China. O governo chinês chega a considerar o assunto um tabu, que não pode ser discutido em escolas ou por meios de comunicação,

⁹ Os nomes das personagens foram alterados a fim de proteger as pessoas envolvidas.



e a realizar batidas policiais em banheiros públicos para efetuar a prisão de gays, uma vez que, de acordo com um policial chinês, os policiais não poderiam adentrar em banheiros femininos.

No capítulo intitulado “A mulher cujo casamento foi arranjado pela Revolução”, trata de uma temática presente em praticamente todas as sociedades do mundo, a temática do casamento. Segundo Mair (1969:141) homens e mulheres precisam se unir e ter filhos para que a sociedade humana continue, por esse motivo, em todas as sociedades o casamento é uma relação social institucionalizada, quase sempre entre um homem e uma mulher, que necessita ser reconhecida e aprovada pela sociedade.

Neste capítulo, analisamos o relato anônimo de uma mulher cujo marido possui um alto cargo em alguma província¹⁰ mas, de acordo com ela, apesar da família possuir uma situação economicamente cômoda, ela não se sente esposa nem mãe, apenas servindo, de acordo com o seu marido, para limpar a lama das botas dele. De acordo com a mulher do relato, sua condição quando quarenta anos mais jovens era bem cômoda e ela não pensava em se casar, uma vez que seus pais haviam estudado no exterior, e por esse motivo, não haviam arranjado um casamento para ela, como ocorria com a maioria de suas amigas, comprometidas desde o nascimento. Na época, de acordo com ela, apesar de cursarem escolas do estilo ocidental, grande parte de suas amigas saíam da escola para se casar, sendo consideradas com sorte as que se tornavam segundas ou terceiras esposas, ou concubinas.

Isso ocorria, pois a maioria dos homens que possuíam várias esposas pertenciam a famílias tradicionais, e ao menor deslize cometido, as novas esposas eram cruelmente punidas pela primeira esposa, por manchar o nome da família. Essa atitude cabe na violência de gênero, ao demonstrar que esta pode ocorrer entre as mulheres, em uma situação na qual a primeira esposa utiliza de violência contra a esposa mais nova, por estar em uma posição de dominação.

A esposa do oficial relata então que movida por um ideal juvenil, decide filiar-se ao Partido Comunista, para participar da Revolução e demonstrar que não era uma garota comum. No Partido, homens e mulheres utilizavam as mesmas roupas e as poucas mulheres eram valorizadas pela leveza de espírito e beleza. Um dia segundo ela o líder de seu regimento lhe perguntou se ela realizaria qualquer missão atribuída pelo Partido, ao que ela respondeu afirmativamente. Ela partiu com dois oficiais ao prédio do governo regional, no qual conheceu um oficial de alta patente. Ele lhe disse que ela seria sua secretária, mas na realidade sua missão era se casar com o oficial para que este pudesse subir de cargo. A partir desse momento ela viveu como uma simples figura decorativa,

¹⁰ A mulher não revela o nome da província em questão.



sendo dominada pelo marido, e afastada da educação dos filhos pelo Partido, para que estes não atrapalhassem o trabalho do pai. Seus filhos depois de crescidos assumiram a posição de dominação do pai em relação à mãe, subjugando e humilhando-a.

O objetivo desse trabalho foi estudar a história e a representação da mulher chinesa, sob a temática de gênero e memória, utilizando como fonte uma obra literária, de maneira a demonstrar as diferenças existentes entre as próprias mulheres chinesas. E, dessa maneira entender o que é ser mulher na China moderna, ao analisar as influências da Revolução Comunista 1911-1949 e da Revolução Cultural 1966-1976 contribuíram para esta formação.

Esse estudo visou também contribuir com a lacuna história presente no tocante à história da China, e mais especificamente no caso da história das mulheres chinesas, uma vez que a maioria dos estudos a respeito da China são focados em sua Revolução Comunista, ou na figura de Mao Tse Tung, tendo as mulheres chinesas pouca ou nenhuma visibilidade, salvo raras exceções.

Do ponto de vista das próprias mulheres, procuramos entender como as mulheres chinesas enxergam sua criação, como elas aprenderam a se tornarem mulheres na China, e até que ponto o cenário político, social, econômico e religioso interferiu nessa formação.

Saindo do pressuposto da história vista de baixo, não procuramos estudar o papel dos homens ou do comunismo na China, como geralmente acontece, mas sim a história das mulheres contadas por elas e escrita por uma mulher. Estudamos essa parte inexplorada quando se trata da história da China, e tentaremos entender o porquê de se não haver mais estudos a respeito do assunto dentro e fora da China. Utilizando-nos da história do tempo presente para melhor compreender as mudanças e as condições das mulheres chinesas na atualidade.

A partir da temática da memória e do gênero, analisamos dois capítulos, o primeiro “A mulher que amava mulheres”, que trata sobre a questão do homossexualidade na China, e o segundo “A mulher cujo casamento foi arranjado pela Revolução”, que trata da temática do casamento. Partindo desse ponto, analisamos a sociedade e a maneira como são tratadas as mulheres chinesas da época, a maneira como se comportam, como se enxergam, como constroem sua identidade como mulheres.

Devemos ressaltar o fato do livro “As Boas Mulheres da China” de Xinran, em se tratando de uma obra referente à memória, não é imparcial, e por esse motivo, consideramo-la uma fonte passível à contestação e não algo que apresente uma verdade absoluta e indiscutível, isso somado ao fato da obra ser uma representação da mulher chinesa e, ao ser escrita por Xinran, contém seus próprios preconceitos e pontos de vista.



O estudo a respeito representação da vida das mulheres chinesas demonstrou que, apesar de Mao Tse Tung ter prometido tratamento e direitos iguais a homens e mulheres, para que estas ingressassem no Partido Comunista e os auxiliassem na Revolução, a maioria das promessas não foram mais do que isso para parte da população.

Em uma análise do livro “As Boas Mulheres da China” de Xinran, e mais especificamente dos dois capítulos mencionados “A mulher que amava outras mulheres” e “A mulher cujo casamento foi arranjado pela Revolução”, pudemos perceber que a situação da mulher na China durante o período da Revolução Cultural 1966-1976, e posterior a isso, ainda deixa sérias marcas de preconceito e desinformação.

No tocante ao primeiro capítulo mencionado, mediante sua análise, compreendemos que no período em que foram efetuadas as entrevistas, ou seja, 1980-1997, a desinformação a respeito da homossexualidade e sua perseguição eram comuns na época. O segundo capítulo mencionado, observamos, que mesmo após a promessa de Mao Tse Tung, que sob seu governo as mulheres poderiam escolher seus próprios maridos, mulheres dentro do próprio Partido foram entregues ao casamento, para que oficiais possam subir de patente, quebrando dessa maneira com o ideal de igualdade pregado.

Conclusão

Apesar de ter sido uma experiência breve, a partir do estudo da vida das mulheres chinesas, pudemos perceber principalmente dois fatores. O primeiro é que não há grandes diferenças entre ser mulher China, ou na sociedade Ocidental. E a segunda é que ocorre uma banalização da violência por meio da sociedade chinesa.

O primeiro fator pode ser notado se observarmos que no Ocidente algumas mulheres ainda assumem posições submissas aos homens, sofrendo maus tratos por parte desses e sendo essa figura masculina de dominação um parente ou não. Essas mulheres ocidentais ainda sofrem com a discriminação salarial em seus empregos, ganhando menos que os homens e necessitando trabalhar muito mais para se firmar no mercado de trabalho.

Porém, mesmo que as mulheres ocidentais possam, assim como as mulheres chinesas, sofrer violências físicas e sexuais por parte dos homens, no Ocidente, essas mulheres sempre podem apelar para a opinião pública, ao denunciarem aqueles que as molestam, para que estes sejam então punidos pela lei. Isso não ocorre na sociedade chinesa, ou nas sociedades orientais em geral, pois por um motivo cultural, as mulheres orientais se sentem culpadas ao receberem qualquer tipo de



violência e, por esse motivo escondem esse fato da sociedade, pois se esta souber do ocorrido, será a mulher a receber a punição e a vergonha pública.

No tocante ao casamento por um ideal, esse fato também ocorreu em países ocidentais, como no caso do próprio Brasil, uma vez que no período da ditadura, muitos guerrilheiros e guerrilheiras se casaram pelo seu ideal de acabar com a ditadura militar no Brasil. E, pudemos perceber como em função desses casamentos, a maior prejudicada era sempre a mulher tanto no campo afetivo, ou seja, do relacionamento do casal, e da criação dos filhos, como no campo revolucionário, em seu papel como guerrilheira.

O estudo sobre a representação das mulheres chinesas nos permitiu pensar a respeito de como situações, como por exemplo, o casamento e a descoberta da lesbianidade, presentes em todos os lugares, são pensadas em um país como a China, que desde os tempos de Confúcio discrimina as mulheres, e que depois passou um longo tempo lutando sob um repressor regime comunista. Essa cultura aliada à repressão sexual, gerada pelo regime comunista, acabaram por promover esse sentimento de vergonha e de não exposição da vida privada. Tornando por isso necessário rompermos com essa barreira e estudarmos a vidas das mulheres chinesas, para melhor entender suas realidades, pois são elas que se atém aos detalhes do cotidiano.

Referências Bibliográficas

- CHING-LING, Soong. **A libertação da mulher na China**. Peking Review, n. 6 (11 de Fevereiro de 1972).
- GIRAUDO, José E. F. **Poética da memória: Uma leitura de Toni Morrison**. Porto Alegre: Editora Universidade – UFRGS, 1997.
- HOBSBAWM, Eric. **Era dos extremos: O breve século XX (1914-1991)**. São Paulo: Companhia das Letras, 1917.
- JAKOBSON, Roman. **Lingüística e Comunicação**. Trad. Isidoro Blikstein e José Paulo Paes, Ed. 6. São Paulo: Cultrix, 1973.
- LE GOFF, Jacques. **Memória e história**. Campinas – SP: Editora Unicamp, 1992.
- LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. Rio de Janeiro: Editora Vozes Ltda, 1997.
- MAIR, Lucy Philip. **Introdução à Antropologia Social**. Trad. Edmond Jorge. Rio de Janeiro: Zahar, 1969.
- MORENO, Montserrat. **Como se ensina a ser menina: o sexismo na escola**. Trad. Ana Venite Fuzzato. São Paulo: Moderna; Campinas. SP: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1999.



PASAVENTO, Sandra J. **Com os olhos de Clio ou a literatura sob o olhar da história a partir do conto O alienista, de Machado de Assis.** São Paulo: Revista brasileira de história, v. 16 n. 31 e 32, PP 108-118, 1996.

PERROT, Michelle. **As mulheres ou os silêncios da história.** Bauru, SP: EDUSC , 2005.

SADER, Eder. **Mao Tse-tung: Política.** São Paulo: Editora Ática, 1982.

SCOTT, Joan. **História das mulheres.** In: BURKE, Peter. **A escrita da história.** SP: Editora Unesp, 1991.

SHARPE, Jim. **A história vista de baixo.** In: BURKE, Peter. **A escrita da história.** SP: Editora Unesp, 1991.

SAFFIOTI, Heleieth I. B. **Contribuições femininas para o estudo da violência de gênero.** SP: Cadernos Pagu, agosto de 2001.

SAID, Edward. **Orientalismo: Oriente como invenção do Ocidente.** São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

XUE, Xinran. **As Boas Mulheres da China: vozes ocultas.** Trad. Manoel Paulo Ferreira. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.